

ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER: MEMÓRIA, PRÁTICAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO PARANÁ.

Marciane Maria Mendes[1]

Eldilvani Marcelites[2]

Círculo de Saber: Organização do Trabalho Pedagógico na Educação do Campo, das Águas e das Florestas

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise da trajetória da Escola Itinerante Caminhos do Saber, vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizada no estado do Paraná, como experiência concreta de resistência pedagógica e construção de uma proposta educativa contra-hegemônica. A pesquisa apresenta os principais aspectos pedagógicos que marcam a trajetória de 20 anos de história (2006-2025) da Escola e que se constitui em referência em Educação do Campo. A proposta pedagógica da Escola se inscreve na Educação do Campo e articula referências como a Pedagogia do Movimento (Caldart), a Pedagogia Libertadora (Freire) e os Complexos de Estudos (Freitas; Pistrak), organizando-se a partir dos ciclos de formação humana. A experiência evidencia a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico (PPP), a auto-organização dos educandos, a gestão participativa e a centralidade do trabalho como princípio educativo. A pesquisa baseia-se na sistematização de documentos, registros escolares e materiais produzidos no âmbito das Escolas Itinerantes. A Escola Itinerante Caminhos do Saber constitui, assim, uma referência na Educação do Campo ao articular a formação integral dos sujeitos com os processos históricos de organização coletiva, produzindo conhecimento a partir das contradições vividas e afirmando a escola como instrumento de emancipação humana e de transformação social.

Palavras-chave: Educação do Campo; Escola Itinerante; Resistência.

Introdução

A Educação do Campo, historicamente negligenciada pelas políticas públicas educacionais, vem conquistando, nas últimas décadas, espaço na agenda educacional brasileira por meio da mobilização de movimentos sociais, entidades sindicais e coletivos de educadores. No Paraná, uma das expressões mais emblemáticas dessa luta é a experiência das Escolas Itinerantes, criadas como resposta à necessidade de garantir o direito à educação aos filhos e filhas de famílias acampadas e assentadas da Reforma Agrária, especialmente vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - Campus de Laranjeiras do Sul - PR. http://lattes.cnpq.br/2842640151509117. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8632-5759.
2 Especialista em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor da rede pública do Estado do Paraná. eldilvani.marcelites@escola.pr.gov.pr



O surgimento das Escolas Itinerantes no Paraná está diretamente relacionado às ocupações de terra realizadas a partir dos anos 1990, momento em que se intensifica a presença de famílias em áreas provisórias, à espera da regularização fundiária. Diante da ausência de políticas educacionais que dessem conta dessa realidade, foram criadas formas alternativas e emergenciais de atendimento escolar.

O Paraná e o Rio Grande do Sul foram os estados pioneiros no processo de legalização da Escola Itinerante. No Paraná, essa efetivação ocorreu por meio da autorização do Conselho Estadual de Educação, registrada no Parecer n° 1012/2003 e na Resolução n° 614/2004, como uma experiência pedagógica por dois anos. Em 2005, teve sua autorização renovada pelo mesmo conselho. Tal parecer representou um marco jurídico e político na luta pelo direito à educação nos territórios de conflito fundiário.

Desde o início de 2003, iniciaram-se as negociações com o governador eleito, Roberto Requião (Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB), para a aprovação da Escola Itinerante, que se mostrou solícito à proposição do MST. A partir de então, e por meio da Coordenação Estadual da Educação do Campo, constituída nesse mesmo ano no interior da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), começaram a efetivar-se os trâmites necessários para concretizar a Escola Itinerante.

A partir desse marco legal, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), em diálogo com movimentos sociais e educadores do campo, passou a regulamentar e organizar essas experiências. De forma geral, as Escolas Itinerantes no Paraná iniciaram suas atividades atendendo às crianças pequenas, os educandos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Posteriormente, ampliaram o atendimento escolar para os anos finais do Ensino Fundamental e, em alguns casos, ofertaram o Ensino Médio.

Nos anos seguintes, as escolas se multiplicaram pelos acampamentos do Paraná. Em 2005, existiam nove Escolas Itinerantes, com 104 turmas e aproximadamente 2.100 estudantes, expandindo-se pelo estado e garantindo a escolarização de crianças e jovens acampados (COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2008). Destacava-se, nesse período, a existência de grandes acampamentos no Paraná e, portanto, de grandes escolas, tais como: E.I. Chico Mendes – Acampamento José Abílio dos Santos – e Escola Itinerante Olga Benário – Acampamento 10 de Maio – localizados em Quedas do Iguaçu. Cada uma dessas escolas comportava mais de 500 educandos distribuídos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Uma dessas experiências é a Escola Itinerante Caminhos do Saber, que atua na região central do Paraná, promovendo uma prática pedagógica comprometida com os



princípios da Educação do Campo e da Pedagogia do Movimento. Camini (2012) destaca que: “As Escolas Itinerantes expressam um projeto educativo vinculado à luta social, ao mesmo tempo em que afirmam o direito à educação como inegociável, mesmo em contextos de acampamento e conflito fundiário” (p. 28).

Dada a importância das Escolas Itinerantes como espaços de resistência e de afirmação do direito à educação em contextos de vulnerabilidade e mobilização social, tais experiências são caracterizadas por uma pedagogia diferenciada, que respeita o tempo das comunidades, valoriza os saberes locais e promove uma educação vinculada à realidade do campo e à luta pela terra. Para além de uma solução emergencial, as Escolas Itinerantes se consolidam como espaços pedagógicos vivos, que tencionam a lógica tradicional da escola rural e propõem práticas educativas comprometidas com a transformação social.

Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar a trajetória da Escola Itinerante Caminhos do Saber, destacando seus fundamentos políticos e pedagógicos, os desafios enfrentados no contexto da Educação do Campo no Paraná e os impactos dessa experiência na formação de sujeitos do campo. Ao fazê-lo, busca-se contribuir para o debate sobre as múltiplas formas de resistência e invenção que constituem a escola do campo em seus diferentes territórios.

Metodologia

A construção do presente estudo sobre a Escola Itinerante Caminhos do Saber constituiu-se em um processo de reflexão coletiva e avaliação pedagógica, no qual a memória das experiências foi retomada como fonte de análise e como prática formativa.

A pesquisa possui caráter qualitativo e descritivo, sendo desenvolvida a partir de um estudo de caso. Para a coleta dos dados, foram considerados relatórios institucionais, materiais pedagógicos, registros de reuniões, cadernos formativos e produções coletivas organizadas pela equipe escolar e pelo Setor de Educação do MST em parceria com universidades públicas e a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR).

Além da análise documental, a pesquisa se fundamenta nos processos de sistematização de experiências que foram iniciados no ano de 2007 e que se consolidaram como uma prática recorrente das Escolas Itinerantes. Tais momentos de registro e análise coletiva possibilitaram a reconstrução crítica da trajetória da escola, permitindo identificar os avanços, limites e desafios de sua proposta pedagógica.



Assim, a metodologia articula a análise documental, a reflexão histórica e a sistematização de experiências, buscando compreender a Escola Itinerante Caminhos do Saber em sua dimensão de prática educativa concreta, vinculada à realidade dos sujeitos do campo e à luta social pela terra e pela educação.

Trajetória e resistência

A Escola Itinerante Caminhos do Saber iniciou suas atividades em março de 2006, atendendo educandos da Educação Infantil e dos anos iniciais. O que motivou a construção da escola no acampamento foram as condições da estrada e dos transportes que levavam as crianças e os jovens até as escolas da região. A mais próxima situava-se a 20 km de distância do acampamento, no distrito de Vista Alegre. O transporte consistia em um caminhão-baú, expondo as crianças e os jovens a situações desumanas. A péssima condição das estradas impedia a circulação dos veículos em dias chuvosos. Nessas situações, os estudantes acampados chegavam a faltar dias seguidos de aula, prejudicando o rendimento escolar e ocasionando sua reprovação (ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER, 2014).

A composição do corpo docente nas Escolas Itinerantes do Paraná apresenta especificidades marcadas por diferentes vínculos empregatícios e trajetórias formativas. Os(as) educadores(as) que atuam nas turmas de Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são contratados por meio de um convênio firmado entre a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR) e a Associação de Cooperativa Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP), entidade vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esse convênio, de natureza temporária, possui periodicidade variável e depende de renovações periódicas para sua continuidade.

A maioria desses profissionais iniciou sua atuação docente nas Escolas Itinerantes e permanece exclusivamente vinculada a elas há mais de dois anos. Em geral, são jovens, com média de idade em torno de 25 anos, que participam de forma sistemática de um processo de formação continuada, promovido pelo Setor de Educação do MST, em parceria com universidades públicas e com a própria SEED-PR. Tal formação busca alinhar a prática pedagógica aos princípios da Educação do Campo, considerando as especificidades sócio territoriais dos sujeitos atendidos.

Os coordenadores pedagógicos, por sua vez, também são contratados via o mesmo convênio entre SEED e ACAP. Em escolas de maior porte, a equipe de



coordenação conta com dois profissionais que, assim como os docentes dos anos iniciais, em sua maioria são jovens, com média de idade de 27 anos. Muitos iniciaram sua trajetória profissional nas próprias Escolas Itinerantes, construindo sua identidade pedagógica a partir dessa experiência singular.

Já o atendimento nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio é realizado por professores contratados diretamente pela SEED, por meio de dois regimes distintos: o Processo Seletivo Simplificado (PSS) ou o Quadro Próprio do Magistério (QPM). No caso dos contratados via PSS, o vínculo é temporário, exigindo nova participação nos processos seletivos anuais ou bienais. Muitos desses profissionais estão em início de carreira e, por vezes, chegam às Escolas Itinerantes sem conhecimento prévio da proposta político-pedagógica construída coletivamente pelo Movimento. Entretanto, há casos em que, após o primeiro contato com a prática das Itinerantes, os educadores passam a se identificar com o projeto e buscam permanecer na escola nos anos seguintes, embora fiquem condicionados à classificação nos processos seletivos.

Quanto aos professores concursados (QPM), não há, geralmente, lotação específica nas Escolas Itinerantes. Eles assumem aulas extraordinárias, ou seja, aquelas que restam para completar sua carga horária. Esse modelo de alocação, embora previsto em normativas, pode comprometer a continuidade e a intencionalidade do trabalho pedagógico, tendo em vista a rotatividade e o distanciamento, muitas vezes, dos princípios da Educação do Campo.

A trajetória de constituição da Escola Itinerante Caminhos do Saber é demarcada pela resistência em diversos aspectos, que vão desde a permanência das famílias na luta pela desapropriação da terra – iniciada com a ocupação do latifúndio Nossa Senhora do Carmo, mais conhecido como Fazenda Brasileira, no ano de 2002 – e que se concretizou recentemente em 2025. Além disso, há a resistência relacionada à proposta pedagógica, vinculada a um Projeto Educativo em contraposição à educação hegemônica e às políticas neoliberais, as quais atuaram na desconstrução da Educação do Campo desde os anos 1990 e ao longo dessas duas décadas de história da Escola Itinerante Caminhos do Saber, intensificando-se nos últimos anos com a implementação de políticas estatais no Brasil. Essa caminhada da Escola Caminhos do Saber nos apresenta muita aprendizagem na construção de uma escola do campo, aprendizagem esta que se produziu nas contradições e no fazer da luta pela terra e pela escola.

A comunidade do acampamento Maila Sabrina é referência organizativa enquanto acampamento do MST e, desde a origem, a Escola foi sempre uma prioridade para as



famílias acampadas. Esse é um fator essencial para assegurar o cuidado, a efetivação e a consolidação da identidade na comunidade. Trata-se de uma escola vinculada a uma luta social pela Reforma Agrária e pela educação de qualidade. Portanto, há uma responsabilidade social por uma ideia, por um sonho coletivo que não é apenas de educadores: a escola sempre fez parte do projeto do futuro assentamento vislumbrado ao longo do tempo. A resistência das famílias acampadas também pautou a escola, a educação e outros setores fundamentais para a vida comunitária, como saúde, lazer, produção agrícola, entre outros. Além disso, não se trata apenas de manter uma escola, mas há a percepção da comunidade de que ela pode e deve ser uma ferramenta na consolidação de um assentamento com qualidade de vida e garantia de direitos.

Uma aprendizagem maior que o contexto local, oriunda do acúmulo do MST ao longo de sua história. Por estar tão relacionada com a comunidade, a escola também passa por contradições inerentes aos processos organizativos, que obtiveram significativos avanços desde a ocupação da terra, mas também sofrem com a precariedade estrutural e de recursos, uma vez que o acampamento é um espaço provisório na luta pela terra. Nesse contexto, passaram-se 23 anos e, por vezes, as ofensivas por reintegração de posse da terra estiveram mais avançadas; por vezes, a resistência das famílias esteve mais vulnerável. Portanto, houve necessidade de fortalecimento da organicidade das famílias e de ressignificar também a proposta de escola a partir do acúmulo de todo o coletivo das Escolas Itinerantes do Paraná.

Das lições aprendidas nessa construção coletiva, também se tornou um marco para as Escolas Itinerantes a busca por aperfeiçoamento constante do Projeto Político-Pedagógico. As escolas em Movimento acumularam formação para os educadores, seja em cursos formais de licenciatura, nas formações oferecidas pela SEED, nos eventos e encontros de educadores organizados pelo MST, mas principalmente na reflexão proporcionada nos diversos momentos de estudos e reuniões semanais para organizar e planejar a escola em gestão compartilhada entre os educadores, educandos e a comunidade organizada.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber esteve inicialmente vinculada à Escola Base Iraci Salete Strozak, em Rio Bonito do Iguaçu. Em 2008, houve uma descentralização e as Escolas Itinerantes foram divididas para serem vinculadas a duas Escolas Base. A Caminhos do Saber passou a fazer parte do Colégio Estadual Centrão até 2009, quando voltou a ser vinculada ao Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, na perspectiva de avanços com a implementação dos Complexos de Estudos ao Projeto Político-



Pedagógico. Em 2017, passou a ter como Escola Base o Colégio Estadual Vista Alegre, localizado também em Ortigueira, numa mudança de configurações políticas na SEED, que priorizou a proximidade em detrimento da trajetória e da construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico no Colégio Iraci Salete Strozak. Aqui se coloca mais um desafio: são escolas distintas, com trajetórias e propostas pedagógicas diferentes, embora ambas sejam do campo. No entanto, há a necessidade de a E.I. Caminhos do Saber manter sua identidade e todos os seus aspectos pedagógicos, mesmo estando vinculada a uma escola com outras características.

Nessa construção das propostas educativas escolares no MST, uma das questões e preocupações centrais sempre foi a “realidade”: que os educandos devem aprender a ler, escrever, interpretar e calcular, mas precisam compreender a realidade. Que a educação possa libertar e, para isso, compreender todas as questões da realidade é fundamental. É dessa necessidade de compreensão da realidade que o MST pautou para as Escolas Itinerantes a construção de um Projeto Político-Pedagógico que amplie a formação dos educandos para além dos saberes escolares tradicionais.

Para dar conta dessa tarefa, muitas foram as buscas teóricas e sistematizações que contribuíram como referência, desde Paulo Freire com a Pedagogia Libertadora e as experiências de alfabetização com os Temas Geradores (DOSSIÊ MST ESCOLA, 2005); a Pedagogia do Movimento e suas matrizes formativas – luta social, organização coletiva, trabalho e produção, cultura, história (CALDART, 2004); a pedagogia socialista a partir das experiências educativas da União Soviética entre os anos de 1917 a 1931, pelos Complexos de Estudos, como uma forma de conectar os saberes do conhecimento científico às múltiplas agências formadoras, considerando a atualidade, a vida, o trabalho e a produção da existência humana (FREITAS, 2009). Dessas fontes, entende-se que o trabalho se tornou a categoria central para a organização metodológica de ensino para as Escolas Itinerantes, compreendendo que o trabalho abarca as contradições capitalistas na relação entre o homem e a natureza e produz toda a realidade a ser compreendida.

Num sentido mais amplo, são nas contradições e nas relações entre a escola e a vida, o trabalho, a luta social, a organização coletiva, a cultura e a história que se materializam a concepção de educação e as matrizes formativas que fundamentam a proposta pedagógica das Escolas Itinerantes (BAHNIUK, 2015).

A proposta pedagógica da escola por ciclos de formação humana proporciona possibilidades de romper com a fragmentação seriada. Ela compreende que os estudantes podem se reorganizar em tempos ampliados de acordo com a idade e, além disso, tem



como objetivos a alteração dos tempos educativos, dos espaços e dos processos avaliativos nas escolas (BAHNIUK, 2015). Nos Ciclos de Formação Humana e nos Complexos de Estudos, esses fundamentos se materializam na reorganização dos tempos educativos na escola, e os educandos têm a possibilidade de realizar, organizar e planejar atividades essenciais voltadas à saúde e ao bem-estar, apoio ao ensino, comunicação e cultura, infraestrutura e finanças, embelezamento do espaço, produção agrícola, registro e memória.

Estas são formas de inserção dos educandos no trabalho socialmente necessário na comunidade escolar para garantir o bem-estar coletivo. São experiências educacionais que buscam trazer para o cotidiano escolar as contradições da vida no acampamento, do contexto escolar, da luta social pelos direitos humanos e o trabalho como essencial para a produção da existência, a serem base da produção de conhecimentos e da práxis. Nessa dimensão entre a vida e os conhecimentos escolares, os objetivos instrucionais se relacionam diretamente com os conhecimentos científicos sistematizados e a vida (FREITAS, 2009). Como síntese dessa relação, está a concepção de aprendizagem da realidade, como apontamos anteriormente.

Limites e desafios

Nessa relação entre o conhecimento e a vida, a luta social e o trabalho é que se apresentam todas as contradições de um espaço que está em construção, na tentativa de ir na contramão da hegemonia das propostas educacionais tradicionais. É nessas contradições que se produzem reflexão e aprendizagem significativa da realidade. Aspectos como a produção agroecológica, organizada no tempo educativo de Produção Agrícola, realizada pela comunidade e pelos estudantes na horta escolar, evidenciam a necessidade de transformar a forma de produzir no acampamento e problematizam as práticas tradicionais de agricultura e exploração do trabalho desenvolvidas no acampamento. Iniciativas de organização coletiva apontam para a necessidade de cooperação na comunidade, em diversos setores, para potencializar o bem comum das famílias.

Para isso, faz-se necessário articular os problemas comunitários do cotidiano com os conhecimentos sistematizados pela humanidade, de modo que a aprendizagem promova mudanças na compreensão da realidade e otimize iniciativas de ações



transformadoras. Um desses exemplos é a auto-organização dos estudantes para a cooperação nos diversos tempos educativos.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber alcançou significativos avanços na proposta pedagógica por ciclos de formação humana e nos complexos de estudos, e este é um dos fatores que contribuíram para a resistência da escola e da comunidade na luta pela terra, tornando-se uma referência também para o MST. A capacidade de reflexão e problematização nesses processos abre lucidez para o cuidado do projeto de escola e de comunidade.

Um dos elementos metodológicos fundamentais da constituição das Escolas Itinerantes foram as iniciativas de sistematização das experiências, iniciadas em 2007. A partir da necessidade de registrar a história, fundamentou-se a importância da reflexão em torno dessa caminhada. Foi nesse contexto de registro de memória que se evidenciou que não seria apenas um registro, mas um momento de avaliação e reflexão constante do processo. Os complexos de estudos e muitos outros avanços na proposta pedagógica se deram a partir da sistematização, que realizou com êxito o exercício da práxis e evidenciou a necessidade de buscar mais experiências práticas e teóricas para proporcionar aprendizagem e desenvolvimento coletivo. Alguns materiais foram produzidos a partir da sistematização, tais como os Cadernos da Escola Itinerante, entre outros.

Durante esse tempo, desde 2003, início das Escolas Itinerantes, até os dias atuais, o cenário político do Paraná teve interferências diretas nos limites e desafios da constituição das propostas pedagógicas dessas escolas. Em momentos de maior abertura estatal, houve apoio financeiro para a realização de eventos, como formação de educadores, reuniões técnicas de trabalho e socialização de experiências, entre outros. Além disso, havia autonomia para os movimentos sociais e para as escolas públicas em geral gerenciarem o seu fazer pedagógico. Essa autonomia garantiu muitos avanços nessa produção coletiva das Escolas Itinerantes em relação aos Ciclos de Formação Humana e aos Complexos de Estudos.

Porém, houve momentos em que o apoio financeiro foi se tornando escasso e iniciaram-se interferências para limitar a autonomia das escolas nas propostas pedagógicas. Recentemente, as políticas estatais esgotaram recursos para a formação de educadores, para atividades coletivas, e houve uma ofensiva expressiva na desconstrução da Educação do Campo em aspectos estruturais, com todo o seu acúmulo pedagógico. Como exemplo disso, cita-se o fechamento de muitas escolas do campo no Brasil, apontado pelo Censo Escolar de 2024. Atualmente, a intensificação das políticas neoliberais na



educação traz todas as exigências burocráticas e cumprimentos de metas via plataformas educacionais também às Escolas Itinerantes, por meio dos Núcleos Regionais de Educação, pela mantenedora SEED.

Um dos grandes desafios atuais da Escola Itinerante Caminhos do Saber, assim como das demais, está na resistência a essa padronização estatal, que não considera nenhuma especificidade das experiências exitosas acumuladas pelos Movimentos Sociais Populares do campo.

Embora o apoio estatal sempre tenha sido precário, a autonomia de gerir a proposta educacional dos Movimentos Sociais do Campo foi primordial para o acúmulo de experiências e conhecimentos. Um novo desafio que se coloca atualmente é resistir às interferências pedagógicas das políticas neoliberais que, nessa intensificação, se ocuparam de padronizar um projeto para todas as escolas. Além disso, faz parte do pacote a terceirização de escolas e serviços, a publicização e o investimento de recursos públicos na iniciativa privada, entre outros (FREITAS, 2018).

No entanto, as Escolas Itinerantes demonstram capacidade de resistência. O projeto pedagógico dessas escolas e todo o seu acúmulo de conhecimentos foram e continuam sendo realizados coletivamente. A tarefa que se apresenta atualmente é a construção da Escola do Assentamento, que demandará outras tarefas e desafios numa mudança de contexto. O que antes era resistência no acampamento e luta pela terra, será resistência às políticas neoliberais e a consolidação do Colégio do Campo e do Assentamento, dando continuidade aos avanços e garantindo o direito à escolarização aos camponeses Sem Terra.

Conclusão

A trajetória da Escola Itinerante Caminhos do Saber, construída ao longo de mais de duas décadas de luta e resistência, evidencia o potencial transformador da Educação do Campo enquanto prática social e pedagógica vinculada à realidade dos sujeitos do campo. Sua existência afirma que, mesmo em contextos marcados por precariedade, conflitos fundiários e ausência do Estado, é possível construir processos educativos significativos, com forte ancoragem na luta social, na coletividade e na produção de saberes enraizados no território.

Dentre os inúmeros desafios, a Escola Itinerante revela possibilidades concretas de articular o ensino com as lutas sociais, promovendo uma educação enraizada na



realidade dos sujeitos do campo. A experiência evidencia o potencial formativo do vínculo com os territórios e com os processos de auto-organização dos educandos, configurando-se como espaço de experimentação pedagógica voltado à construção de uma formação humana integral, crítica e coletiva. A Escola Itinerante Caminhos do Saber, enquanto experiência concreta e viva da Educação do Campo, aponta caminhos possíveis para pensar uma educação que não se submeta às lógicas do capital, mas que seja expressão da luta pela terra, pela dignidade e por uma sociedade mais justa.

Referências bibliográficas

ACAP. Associação de Cooperativa Agrícola e Reforma Agrária do Paraná. **Relatório final**: Escola Itinerante dos Acampamentos no Paraná. Curitiba: MST, 2012.

BAHNIUK, Caroline. **Formação de educadores(as) da Escola Itinerante do MST Paraná e a perspectiva de formação omnilateral**: contradições e possibilidades. 2006. Monografia (Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

____. **Experiências escolares e estratégia política**: da pedagogia socialista à atualidade do MST. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

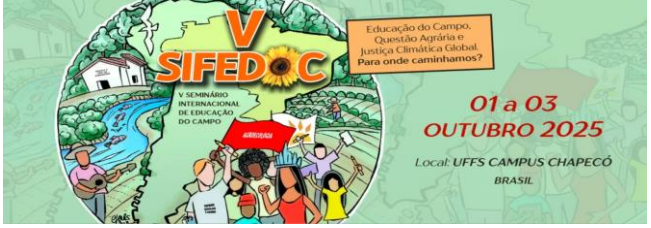
CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMINI, Isabela. **Escola itinerante**: na fronteira de uma nova escola. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CAMINI, Isabela. **Escolas Itinerantes no Paraná**: o direito à educação e a luta pela terra. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Política educacional do Estado do Paraná: a experiência das Escolas Itinerantes. In: Itinerante: a escola dos sem terra: trajetórias e significados. **Coleção de Cadernos da Escola Itinerante**. Curitiba: SEED, n. 2, out. 2008.

ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER. **Relatório de atividades**. Ortigueira, 2014.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ITERRA. Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. Dossiê MST Escola. **Cadernos de Educação**, n. 13. Veranópolis: Iterra, 2005.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **A escola-comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. São Paulo: Expressão Popular, 2009.